THALES DE AZEVEDO (1904-1995)

KLAAS WOORTMANN
Universidade de Brasília

Conheci Thales de Azevedo, mais de perto, em 1966. Um ano antes eu havia sido demitido do Museu Paraense Emílio Goeldi, por razões políticas e pouco depois tive uma passagem abortada pelo Museu Nacional. Thales me encontrou no Rio de Janeiro e, não obstante sabedor de minhas dificuldades com os detentores do poder, ofereceu-me uma posição docente na Faculdade de Filosofia da UFBA, da qual era Diretor. Menciono esse fato porque ele revela o espírito liberal de Thales e seu *ethos* acadêmico, independente de ideologias políticas e de compromissos com o poder.

Na Faculdade de Filosofia juntei-me a Perseu Abramo, Istvan Janczó, também recrutados por Thales, e a João Ubaldo Ribeiro. Um pequeno grupo que, em torno de Thales e contando com seu apoio, procurou trabalhar para realizar seu intento de modernizar as ciências sociais na UFBA. Foi de lá que parti para Harvard com a intenção de realizar meu doutoramento, cuja tese foi o resultado de uma pesquisa realizada em Salvador com recursos financeiros obtidos por Thales de Azevedo.

Sou, pois, seu devedor. E tive a honra de contar com sua amizade, que o levou a prefaciar meu livro, derivado daquela tese. O texto que estou a escrever é uma forma de expressar meu reconhecimento àquele que representou um papel central na antropologia brasileira.

Thales de Azevedo iniciou suas atividades profissionais na medicina, para depois ser convertido à, ou seduzido pela, antropologia. Sua trajetória intelectual é exemplar de um momento na formação do pensamento brasileiro. As Escolas de Medicina, na passagem do século XIX para o XX, e ainda nas primeiras décadas deste último, foram importantes centros de reflexão sobre o Brasil e delas emergiram alguns dos expoentes do que

Anuário Antropológico/95
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996

seriam, mais tarde, as ciências sociais. Thales foi um desses expoentes, como o foram também Nina Rodrigues e Arthur Ramos, igualmente baianos. Foi naquele clima intelectual que se desenvolveram, por exemplo, as primeiras explicações e interpretações sobre as religiões afro-baianas. Pode-se ainda mencionar, entre outros, na mesma tradição, os casos de Osvaldo Cabral, em Santa Catarina, e René Ribeiro, em Pernambuco.

Thales começou sua vida profissional como médico no interior da Bahia, onde trabalhou de 1929 a 1933. Ainda como médico, em 1940 veio a conhecer Josué de Castro e esse contato estimulou seu interesse pelas questões sociais e culturais, já presentes em seu pensamento desde antes. Em 1941 publicou no *Boletim de Educação e Saúde*, de Salvador, um artigo que já revelava sua vocação de antropólogo: "O Rancho de Gaúchos Brasileiros e Uruguaios", elogiado por Gilberto Freyre, que sugeria a transformação de seu material de pesquisa em livro, o que de fato iria ocorrer vários anos depois.

Em decorrência de sua formação em medicina — e de seu interesse por questões sociais — foi-lhe atribuída a primeira cadeira de Antropologia e Etnografia do Brasil na recém-fundada Faculdade de Filosofia (1943). Não foi este o único caso em que se associava a antropologia à medicina, como dito acima, visto que a primeira era concebida primordialmente como antropologia física. Nas palavras do próprio Thales de Azevedo ("Primeiros Mestres da Antropologia nas Faculdades de Filosofia", *Anuário Antropológico/82*: 259-277):

> Quando se fundam no Brasil, entre os anos 30 e 40, as Faculdades de Filosofia e alguns institutos congêneres com currículos que incluem a Antropologia, a Medicina é um dos campos em que se buscam os primeiros docentes da nova disciplina [...] em 1943 [...] optou-se por uma solução adotada por diversas outras Faculdades, isto é, pelo recrutamento de seus docentes na classe médica. Isto se explica por duas maneiras: primeiro, era antiga a experiência do ensino, no Museu Nacional, particularmente, da Antropologia física e mesmo da Etnologia, da Arqueologia, da Etnolingüística, por médicos; de outro lado, a formação universal dos médicos em Faculdades que haviam sido, até pelo menos os anos 30, centros principais de interesses intelectuais e científicos de amplo espectro, indicava aqueles profissionais para a docência de uma ciência tão abrangente. [Sendo a Antropologia] encarada por muitos como Morfologia Humana, capítulo da Zoologia [ela] aparecia como campo de interesse e de aptidão, preferencialmente, [...] de profissionais da área médica.

Thales de Azevedo, contudo, progressivamente desloca o centro da disciplina das questões biológicas para as culturais, e propõe mesmo o rompimento com a tradição que identificava antropologia com biologia, tornando-se um dos precursores da antropologia social, ou cultural.

Outra influência marcante em sua vida intelectual foi Frederico Edelweiss. Novamente nas próprias palavras de Thales de Azevedo:

> estudante ainda de medicina em 1927, eu havia dado algumas mostras de interesse pela etnologia. Quando terminei meu curso secundário, fui trabalhar no comércio, como auxiliar pessoal, direto, de Frederico Edelweiss. Ele, então, me ajudou e orientou e tive a curiosidade de ler alguma coisa sobre medicina dos nossos índios, ainda sem um esquema teórico ou quadro em que colocasse o material que buscava.

Foi o acesso à biblioteca de Edelweiss que lhe possibilitou o contato com os escritos de Léry, Thevet, Staden, von den Steinen etc. Foi de Edelweiss também que partiu, mais tarde, o estímulo para escrever, entre 1943 e 1948, o *Povoamento da Cidade do Salvador*, publicado em 1949. Neste livro, várias vezes premiado, Thales de Azevedo alia o conhecimento antropológico, a partir de autores então contemporâneos, como Baldus, Bastide, Boas, Ruth Benedict, Herskovits, Métraux, Wagley e outros, com a perspectiva histórica, na época não muito comum entre antropólogos.

Preocupado em dinamizar o conhecimento antropológico e das ciências sociais em geral, Thales organizou, a partir de 1953, o *Seminário de Antropologia*, que se manteve com sessões semanais até 1967, contando com a participação de pesquisadores como Herskovits, Pierre Mombeig, Jean Tricart, entre outros. Tendo fundado, em 1962, o *Instituto de Ciências Sociais*, lá manteve a tradição do *Seminário*, com a participação de antropólogos como Wagley, Bastide, Kottak e de cientistas sociais de outras áreas, como Pierre George, Caio Prado Jr., Benno Galjart, Katia Mattoso, Milton Santos, Fernando Henrique Cardoso, Betty Meggers etc.

A criação do *Instituto*, como um centro de pesquisas, expressava sua preocupação com a modernização das ciências sociais na Bahia. Preocupado com o ensaísmo e o bacharelismo que ainda ocupavam boa parte do cenário universitário baiano e com o caráter livresco do ensino, o *Instituto* seria, em sua percepção, um instrumento para institucionalizar a pesquisa de campo

na antropologia. Por outro lado, seria — e foi, enquanto durou — um meio para realizar o intercâmbio de idéias.

> [...] nós não recebíamos, nos primeiros anos, visitantes, fossem de outra parte do Brasil, fossem do exterior, que trouxessem contribuições, que ajudassem e orientassem, de alguma maneira, aqueles professores [...] Dentro das Faculdades [...] também não havia intercâmbio [...] Tive sempre muito boas relações com os colegas, porém, nunca consegui conversar com os mesmos sobre o que ensinavam e o que eu ensinava para ver se chegávamos a qualquer entendimento. Não houve maneira [: 271, 273].

Infelizmente, contra a sua vontade, o *Instituto* seria extinto ao final dos anos 60, junto com o desmonte de seu arquivo e de sua biblioteca.

Thales, ainda em 1940, já iniciava sua experiência de trabalho de campo. Naquele ano realizou uma viagem ao Rio Grande do Sul, que resultou num estranhamento de si próprio.

> [...] tinha, a respeito desse Estado os preconceitos que tem ainda Afonso Arinos que, há muito poucos anos se referiu ao fato de que os gaúchos não são bem brasileiros; eu também tinha essa impressão [...] eu levava aquela idéia de que era uma terra meio alemã, meio espanhola [...] tive a oportunidade de viajar um pouco pelo Rio Grande do Sul e vi aquela diversidade de influências culturais que o Estado recebeu [...] quando se fundou a Faculdade de Filosofia da Bahia [...] se fizeram umas palestras e fui convidado a fazer uma destas e deu isso um trabalhinho em que já falava em áreas culturais [...] assim, publiquei meu primeiro livro, *Gaúchos*. Mas este trabalho me interessou para pesquisa que, mais tarde, uns quinze anos depois, vim a fazer sobre a assimilação dos imigrantes italianos [: 274].

No início dos anos 50 Thales dirigiu, junto com Charles Wagley, que viria a se tornar um grande amigo, o Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia-Columbia University. Dele participaram estudantes de Doutorado norte-americanos, como Marvin Harris e Anthony Leeds, e alguns estudantes brasileiros, sendo dois do Rio de Janeiro. Dá-se início, então, aos "estudos de comunidade" no Brasil, uma das primeiras formas pelas quais a antropologia passou a enfocar, em nosso país, a sociedade nacional. O programa visava comparar pares de comunidades de base ecológica semelhante mas com diferenças históricas, umas dinâmicas e outras estagnadas. É interessante observar que alguns anos mais tarde, na segunda metade dos anos

50, Darcy Ribeiro segue aquele modelo e elabora seu programa de estudos de "Cidades Laboratório" com pesquisas antropológicas também comparativas entre pares de cidades, uma relativamente "tradicional" e outra mais dinâmica. Em ambos os casos, o estímulo partiu de Anísio Teixeira.

Foi a partir do Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia-Columbia University que Thales de Azevedo se integrou no projeto de pesquisas patrocinado pela UNESCO sobre relações raciais. Daí resultou um dos mais importantes livros sobre o tema: *Les Élites de Couleur dans une Vile Brésilienne*, publicado em Paris, em 1953. Mas, já antes Thales se preocupava com a questão das relações raciais. Mais de vinte anos antes, em 1931, publicara o artigo "Raças Humanas Superiores e Inferiores" — um tema que empolgava polemicamente os médicos-intelectuais da época. Mais tarde, em 1956, publica "Classes Sociais e Grupos de Prestígio" na coletânea *Cultura e Situação Racial no Brasil*.

Mas, Thales de Azevedo também demonstrou um interesse pelo cotidiano, talvez, como sugere sua filha, Maria David de Azevedo Brandão (em seu texto "Thales de Azevedo", publicado no *Boletim da ABA* nº 25, 1996, pp. 4-5), motivado por sua experiência como jornalista — o que também foi, além de médico e antropólogo. Já no seu *Povoamento da Cidade do Salvador*, um trabalho de história social, segundo João Reis, se percebe tal interesse.

O cotidiano o levaria ainda a escrever o delicioso, mas não menos rigoroso, *As Regras do Namoro à Antiga*; "não porque tivesse namorado muito", segundo disse ele. As regras do namoro me levam a outra dimensão de sua obra. Novamente segundo sua filha, para quem "cada ciclo de trabalho teve seu leito de paixão",

> O ciclo de trabalhos sobre o Rio Grande do Sul e a imigração italiana é também arte de uma paixão nascida do encontro com à terra da 'gauchinha' Mariá, a companheira que ele descobre em sua vizinhança, no tempo de estudante de Medicina.

Na introdução a *As Regras do Namoro à Antiga*, ele agradece a "minha esposa, Mariá: a ela, minha única namorada, dedico este ensaio, recordando afetuosamente o 'nosso tempo'". Quando esteve em Brasília, por ocasião da celebração dos primeiros dez anos de nossa pós-graduação, fez questão que o levasse, antes de embarcar de volta a Salvador, a um lugar

onde pudesse comprar uma caixa de morangos, que ela tanto aprecia; sua ternura pela namorada se manteve através dos anos. Dona Mariá foi sempre um esteio e uma inspiração para Thales. Em seus últimos comparecimentos às reuniões da ABA, foi sempre por ela acompanhado. Na reunião de Belo Horizonte Thales fez questão de ser fotografado junto com Dona Mariá e algumas pessoas que considerava seus amigos. Fui honrado com uma daquelas fotografias.

Como ressalta Maria Brandão, seus escritos sobre religião foram inspirados pela "ternura da mãe, católica dedicada às obras de caridade, estóica e profundamente afetiva", tanto quanto do convívio com intelectuais católicos. "Dessa vertente religiosa deriva seu humanismo, a posição contra os regimes autoritários".

Thales preocupava-se também com os acervos de bibliotecas. Assim, cuidou da biblioteca de Frederico Edelweiss, hoje pertencente à UFBA. Sua própria documentação relativa à imigração italiana no Rio Grande do Sul foi doada à Universidade de Caxias do Sul. Certo dia, quando eu ainda estava na UFBA, Thales me procurou e propôs que fôssemos até o Recôncavo, num esforço para salvar a biblioteca e a documentação de Wanderley Pinho, já falecido. Embarcamos na minha "Rural Wyllis", que ele julgava bastante robusta para agüentar o peso, e rumamos para Santo Amaro da Purificação. Trouxemos várias caixas para Salvador.

Mas, sua atuação não se limitou à Bahia. Ele teve também um papel fundamental com relação à ABA, desde seu início.

Em 1951, em Petrópolis, ele foi eleito vice-presidente da Mesa que organizaria uma reunião destinada a discutir o ensino e a pesquisa em antropologia — questão que, como foi visto, sempre o preocupara. A primeira Reunião Brasileira de Antropologia foi realizada no Rio de Janeiro, em 1953. A Mesa diretora da Reunião, presidida por Herbert Baldus, teve a participação de Thales de Azevedo, que terminou por assumir a presidência, pois Baldus havia tido problemas de saúde. A partir de então esteve presente em todas as Reuniões. Foi presidente também da II Reunião Brasileira de Antropologia (1955), realizada em Salvador e durante a qual se organizou a Associação Brasileira de Antropologia, cujo primeiro presidente foi Luiz de Castro Faria. Em 1966 realizou-se em Belém a última reunião da "primeira série", um tanto subrepticiamente, disfarçada como parte da Biota Amazônica, organizada pelo Museu Goeldi.

Só em 1974 ressurgiu a Reunião da ABA, por iniciativa de Sílvio Coelho dos Santos. Nela, Thales, que era membro do Conselho Científico desde o início, foi eleito presidente da Associação. Como presidente da ABA e da Comissão Organizadora, preparou a X Reunião, em Salvador (1976). Seu papel foi decisivo, tanto na "primeira série", quanto na "nova série" para a consolidação da ABA e da antropologia brasileira. Em 1988 foi eleito, por aclamação, o primeiro Presidente de Honra da ABA

No dia 5 de agosto de 1995 perdemos Thales de Azevedo. Disse, no começo, que sou seu devedor. Devedores somos todos nós, antropólogos.